



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16217 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT26 - Educação do Campo

“VALE A PENA TANTA MODERNIDADE? TANTAS MÁQUINAS? TANTA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL?” RELATO DE UMA OFICINA SOBRE A ARTE DE LORI FIGUEIRÓ NO VALE DO JEQUITINHONHA-MG

Elizabeth Aparecida Duque Seabra - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM

Marizete Lucini - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Guilherme Henrique da Silva - UFS - Universidade Federal de Sergipe

“VALE A PENA TANTA MODERNIDADE? TANTAS MÁQUINAS? TANTA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL?” RELATO DE UMA OFICINA SOBRE A ARTE DE LORI FIGUEIRÓ NO VALE DO JEQUITINHONHA-MG

PALAVRAS-CHAVE: oficina; Vale do Jequitinhonha; fotografia

1 INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresenta reflexões a partir de uma oficina de extensão realizada no PPGED - UFS como parte das atividades de um projeto de pós-doutorado denominado “Olhares decoloniais: Lori Figueiró e o Vale do Jequitinhonha” sob a supervisão da Profa. Dra. Marizete Lucini. Este projeto se organiza em torno da obra do fotógrafo diamantinense e possibilita o desenvolvimento de pesquisas que tenham temáticas que considerem a pluralidade de diferentes grupos sociais, evidenciando olhares decoloniais como prática metodológica de resistência ao silenciamento de trajetórias e saberes de grupos socialmente invisibilizados.

A obra de Lori Figueiró pode ser vista como um trabalho fronteiriço que contribui com a educação das sensibilidades e a formação docente, campos de pesquisa que vem fomentado discussões, práticas e espaços para a consolidação de uma educação decolonial, transgressora, acolhedora e significativa a partir do intercâmbio de experiências. A hipótese deste trabalho é que as fotografias de Lori Figueiró mobilizam o reconhecimento da pluralidade de histórias, trajetórias, saberes e modos de vida do Vale do Jequitinhonha e possibilitam outras formas de ver e compreender o chamado Nordeste mineiro e contribuem para democratizar o conhecimento.

O objetivo da oficina realizada junto aos mestrandos e doutorandos do PPGED -UFS e dos mestrandos do PROFHISTÓRIA/UFS, foi abordar o processo *do fazer do artista* Lori Figueiró materializado em sua produção bibliográfica que apresenta principalmente as mulheres de comunidades do Vale do Jequitinhonha tecelãs, ceramistas, parteiras, benzedeiras, cozinheiras, comerciantes, congadeiras, apanhadoras de sempre-vivas e quilombolas. O propósito foi identificar elementos na produção de Lori Figueiró que evidenciem o pensamento decolonial.

Apresenta-se nessa comunicação os resultados e análises desta oficina realizada presencialmente, em São Cristóvão, no dia 20 de maio de 2024.

2 DESENVOLVIMENTO

A metodologia de pesquisa adotada para a reflexão sobre os elementos decoloniais na obra de Lori Figueiró seguiu os momentos planejados para o desenvolvimento de uma aula-oficina.

Segundo Isabel Barca (2004, p.133) uma aula-oficina tem como paradigma educativo a lógica que o estudante é o agente de sua formação com ideias tácitas e experiências diversas àquelas do/a professor/a que organiza as atividades educativas e as problematiza. A concepção de saber em uma aula-oficina é multifacetada e envolve vários níveis de saber: saberes científicos, saberes acadêmicos, saberes populares, história pública, saberes escolares e dispõe de múltiplos recursos e estratégias de exposição da proposta em questão.

Em um primeiro momento da oficina houve a sugestão de uma rodada de apresentações dos participantes a partir de uma dinâmica que utilizou a escolha e socialização de um objeto biográfico. Foi apresentada a conceituação de Judite Primo e Pedro Leite (2015) sobre o uso de objetos biográficos como processos de produção e inclusão de saberes na sociedade. Os objetos biográficos podem evocar novas perspectivas de investigação e ação, reatualizam narrativas e permitem um engajamento aos processos sociais.

Cada participante se apresentou espontaneamente considerando sua história de vida em relação aos objetos trazidos junto aos seus corpos como peças de vestuário, anéis, colares, blusas, camisas, sapatos, livros, celulares, dentre outros objetos biográficos destacados.

O trabalho com as narrativas biográficas partiu das memórias de cada indivíduo colocado em cenário mais amplo de partilha com o grupo. Buscou-se nesse momento significados comuns. A história de vida de cada um foi contada aos outros e experienciada pelo grupo, reconstruindo os elos da partilha, os significados e as pertencas. (Primo e Leite, 2015).

No segundo momento da oficina foi apresentada a metodologia de André Melo Mendes (2019) para análise de imagens fixas que pode ser sintetizada, de um modo geral, em quatro movimentos: a escolha da imagem, a descrição dos elementos que compõe a imagem, o cenário que compõe aquele retrato e, por fim, os elementos subjetivos que aquela imagem suscitou no sujeito que as analisa. Em seguida, foram apresentados alguns dos vários livros publicados por Lori Figueiró para que os/as participantes selecionassem uma, ou mais, fotografias para a análise de acordo com a metodologia sugerida acima. Os registros dessa análise foram realizados por escrito e são tomados como fontes documentais nessa comunicação.

No terceiro momento da oficina os participantes apresentaram oralmente os resultados de suas análises das imagens escolhidas e abriu-se uma roda de conversa sobre as temáticas suscitadas pela obra de Lori Figueiró. Foram abordadas questões como a racialidade, a problematização de vivências na infância e adolescência em ambientes rurais, a ancestralidade, os saberes tradicionais, e ligações entre o cenário do Vale do Jequitinhonha e outros cenários de suas trajetórias de vida no Nordeste do país.

Apresento a seguir algumas das reflexões promovidas durante a oficina.

2.1 Atitudes decoloniais: resultados e discussões da pesquisa

Na avaliação dos/as professores/as^[1], marcadamente do Mestrado Profissional em História do PPGED-UFS e do mestrado e doutorado em Educação do PPGED/UFS, que tiveram contato pela primeira vez com a obra de Lori Figueiró por meio da Oficina em São Cristóvão, o fotógrafo possui um olhar político e ideológico no sentido de perceber elementos da colonização e é capaz de produzir um pensamento decolonial à medida que sua obra “garante o protagonismo dos mais humildes, revelando sua riqueza cultural, suas tradições, suas crenças e seus costumes” (Odiler Santos de Resende).

O livro de Lori Figueiró *Sacralização do Cotidiano* (2020) foi um dos analisados pelo grupo de mestrandos e doutorandos que concluíram que a imagem da benzedeira Josefa Alves dos Reis, de Araçuaí, com 93 anos, “se encontra no interior de sua casa, aparentemente humilde, fazendo um sinal da santíssima trindade exibindo um anel e um colar com o rosto talhado pela vida e com uma expressão de fé.” “Eu vejo em Dona Zefa a mesma expressão de fé de minha avó de 95 anos de idade. Dona Maria também sacraliza seu cotidiano com rezas para apartar o coração mau dos inimigos.” E transcreve a oração contra os inimigos de sua avó. (Odiler Santos de Resende).

Tainah Mota do Nascimento também escolheu o livro **Sacralização do Cotidiano** em homenagem a Josefa Alves dos Reis.

[...] uma imagem em preto e branco de uma senhora abaixada, encostando sua testa no chão de sua casa. Uma sala repleta de quadros e imagens de diversos santos ao fundo uma televisão antiga, com um cesto (de flores) em cima. As imagens maiores são de São Jorge à esquerda e Santa Bárbara à direita (...)

A doutoranda fica impactada pelo gesto de Dona Zefa que a “fez lembrar de quando, em minha religião, nós batemos cabeça para o santo. Ela ali roteada de seu santuário de alguma forma também está saudando suas divindades.”

A *sacralização do cotidiano* não está somente nos espaços domésticos com a grande profusão de imagens sagradas dispostas nas paredes das residências e em oratórios particulares bem como nos objetos sacros exibidos nos corpos fotografados: crucifixos e guias. O sagrado também está nos rituais como as festas do Rosário de Araçuaí e Minas Novas registradas por Lori Figueiró. A condição racializada desses brincantes do Rosário é destacada na roda de conversa. A colonialidade do poder ainda está presente e é percebida por Victor Clay Barros de Jesus e Josefa Rosânia Reis de Matos que escolheram analisar uma imagem do livro *Louvores, louvores! Os tambores do Rosário* a fotografia apresenta um

Grupo de pessoas em fila dentro de um rio venerando a imagem de uma santa, cuja representação é a de Nossa Senhora do Rosário. Percebe-se que na fila da veneração só há a presença de homens. A santa é acompanhada por grupos de tamborzeiros com vestes em azul e vermelho. Nota-se a presença de idosos e crianças. Um dos homens da fila está se inclinando para aparentemente beijar os pés da santa. A pedra onde está a santa está forrada de branco.

Os intérpretes da cena chamam a atenção para o encontro entre o antigo e o moderno, o encontro entre gerações na manutenção das tradições, gestos como o tirar o chapéu em reverência ao sagrado, destacam os/as professores/as presentes na oficina.

A figura da avó aparece em diversas lembranças dos/as professores/as do ProfHistória. Romilson Guimarães de Oliveira descreve Eva de Jesus, homenageada no livro *O fazimento da farinha*, como uma “mulher negra vestida de modo simples, manipulando um cabo de madeira, num espaço humilde dedicado à produção artesanal, com um forno grande de barro, aquecido com lenha”.

Quanto às dimensões subjetivas, Romilson Oliveira afirma que a imagem “trouxe reflexões sobre o protagonismo das mulheres em meios populares mais humildes, onde o fazer farinha proporciona alimentos para o seio familiar e até para complementação de renda.” Trouxe também lembranças afetivas da casa de farinha dos seus avós “local de trocas intensas, quanto ao saber fazer, a produção, a sociabilidade e a solidariedade.” E conclui “que a beleza da imagem está na captação de algo e alguém que está conectado e produzem um sentido no contexto social a qual a personagem faz parte”.

Maria José Lima dos Santos também se recorda da figura da tia avó ao se confrontar com a imagem de Dona Zefa. Quando criança ela via álbuns de fotografias da família e também as variadas imagens de santos que tinha em seu quarto como vê na sala de Dona Zefa.

Katy Evelin de Souza Cruz teve, ao ver a fotografia de Maria Lopes de Oliveira e Ana Carolina Alves Nunes, um sentimento de paz e de lembrança de quando sua avó a benzia.

Já Liliane Pinto da Silva e Carlos Henrique D. Acioly selecionaram uma fotografia do livro **Sementes da Terra Maturada** em homenagem a Maria Lira Marques Borges. Descreveram a imagem como “uma mulher negra segurando um quadro com uma imagem de pintura que ela mesma fez”. Pensando no cenário da fotografia eles descreveram que “a mulher está feliz por contemplar sua obra e está vestida com roupas coloridas, brincos médios de prata, cabelos com tranças e aparenta ter mais de 60 anos.” A imagem “recorda também a família materna, onde uma tia-avó produzia obras de pintura. Traz também a satisfação do fazer/produzir algo e se orgulhar do resultado alcançado.”

A imagem escolhida por Andréia Moreira de Souza foi do livro **Salve Maria! Os tambores do Rosário** que homenageia os tamborzeiros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Araçuaí. A imagem apresenta parte do grupo com fardamento, camisa branca com estampa com símbolo do grupo e calça preta. O grupo traz a representatividade por meio da presença de dois idosos e a presença de uma mulher e uma criança negra. “Dois homens negros adultos e jovens tocam seus instrumentos expressando o movimento corporal, já a mulher o maior tambor, podendo indicar o empoderamento feminino e a quebra da tradição. A criança dança enquanto os demais tocam.”

Flávia dos Santos Andrade também escolheu outra fotografia do livro **Salve Maria! Os tambores do Rosário** e que “parece ser a coroação do rei e da rainha da irmandade, seus vassallos e pajens”. “O cenário aparenta ser a frente de uma casa com enfeites de flores, com a imagem de Nossa Senhora do Rosário no centro do arco. O rei e a rainha no centro e demais acompanhantes ao lado e as crianças à frente.”

O detalhe da imagem que mais chamou a atenção de Flávia Andrade foi a idade do casal (rei e rainha) “pois acredito que eles levam em conta a experiência de vida, a sabedoria de quem assume esse papel”. “No meu município, em janeiro, há a coroação do rei e da rainha do Cacumbí. Antes havia um cuidado maior com a escolha do casal a ser coroado. Hoje, jovens sem compromisso nenhum com as manifestações culturais são coroados só por terem ligação com algum político influente.”

Cerivaldo Pereira Filho escolheu os livros em homenagem a Valdete Fernandes *Acender do barro* e Natalina Soares *A luz do algodão*. Para ele o fotógrafo traz a importância da prática do tear e a riqueza do bordado para as populações mais dos rincões desse país”. Enfim, as imagens fazem uma viagem no tempo e dialogam com o presente trazendo a reflexão sobre o sentido da vida. Vale a pena tanta modernidade? Tantas máquinas? Tanta degradação ambiental?”

O grupo de Francielli França, Dannylo, Eliane Dantas e Nazaré Castro fizeram uma discussão a partir do livro *Acender o Barro* e escolheram uma fotografia que apresenta Valdete Fernandes “a simplicidade da ceramista fotografada com as mãos sujas de barro segurando a obra ainda inconclusa.” O cenário é descrito como uma mesa e algumas ferramentas da artista.

Uma das características marcantes do trabalho de Lori Figueiró é a devolutiva das imagens e a produção de novos registros desses momentos de encontro dos retratados com seus espelhos. A fotografia escolhida por Rudiglay Patrício Florentino é um desses momentos e apresenta “um homem idoso sentado dentro de casa com um livro na mão. A casa é simples, nas paredes quadros de diversas imagens religiosas.” A expressão concentrada do homem sugere que ele está profundamente envolvido com o conteúdo do livro que possui uma fotografia dele.

Samuel da Silva Brito escolhe as fotografias de Natalina Soares de Souza, captadas em Berilo, que o fazem viajar até sua infância e adolescência quando a família produzia algodão no Tabuleiro do Junqueiro, Alagoas. “Recordo que dormia nos paíóis de algodão enquanto minha mãe descaroçava os capuchos da planta. Também recordo do equipamento que minha avó utilizava para fazer os pavios para o beneficiamento, chamado de fuso e como utilizava uma carrapeta, girando-o no

chão.

Do livro *Mulheres do Vale Substantivo Feminino* tem-se algumas apropriações entre os mestrandos do ProfHistória e mestrandos e doutorandos do PPGED/UFS. Cristiane Feitoza Dantas escolhe analisar a fotografia de Maria Floriza Veríssimo Brandão. “A fotografia traz a imagem de uma cozinha extremamente organizada. A comida está fervendo em um fogão à lenha.” Dona Maria Floriza “está fazendo o almoço, atividade cotidiana. Ela está com o rosto sério, concentrada na comida. A comida lembra afeto, cuidado que ela tem com ela e com seus familiares. As panelas são grandes, é provável que esteja cozinhando para mais pessoas e com certeza a comida está muito saborosa.”

Roseane Santos Mesquita chama a atenção para o trabalho das mulheres do Vale do Jequitinhonha em seus mais diferentes ofícios como expressão de fé e pertencimento. Os espaços familiares como aqueles retratados no livro de Lori ultrapassam o provimento familiar e se colocam como cultura do Vale.

Por fim, é possível refletir, provisoriamente, com Sueli Carneiro (2023, p. 111) que a decolonialidade é um projeto coletivo “que abre a porta para os sons das vozes subalternizadas, para construir outros cenários que representam a emancipação de todos.” Foram esses cantos que se ouviram numa tarde em São Cristóvão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas durante a oficina de extensão, Lori Figueiró pode ser vista como um fotógrafo que constrói um outro modo de ver, saber e poder sobre o Vale do Jequitinhonha. Ele concebe o colonizado como um agente. Cria um sentimento de intimidade e destaca a individualidade de cada pessoa. Negocia cada foto e as transforma em livros de poesia. Seus retratos celebram a amizade e aproximação de territórios tradicionais marcados pela ancestralidade.

A oficina foi um processo que se materializou no diálogo entre estudantes, professoras e a obra de Lori Figueiró visando efeitos sociais para além do momento de execução da atividade. O uso das possibilidades de narrativas e fotografias foram os elementos escolhidos para acessar memórias individuais, coletivas e temas sensíveis.

Podemos inferir com Quijano (2005, p.34) que a colonização epistemológica ainda está presente nas estruturas subjetivas, nos imaginários do Vale do Jequitinhonha, mas Lori Figueiró cria margens que visibilizam as lutas contra a colonialidade. Fotografar as mulheres do Vale do Jequitinhonha é deslocar o foco

de constituição da dinâmica da colonização do poder, do saber e do ser e criar espaços para uma nova enunciação epistêmica.

Lori Figueiró se aproxima dos territórios tradicionais e cria molduras que nos ajudam a pensar a decolonialidade. A devolutiva dos retratos em formato de livro é uma das metodologias criada por ele que oferece uma alternativa epistemológica ao colonialismo. Lori Figueiró tira os sujeitos do anonimato e apresenta os moradores do Vale como possuidores de tradições no uso da terra, na produção de artesanato e nas experiências vividas. A discussão sobre a posição dos sujeitos em relação ao saber, ao poder e ao ser, ou seja, a relação com as estruturas de poder e cultura, pode ser sustentada pela leitura das imagens de Lori Figueiró quanto a localização do sujeito como possuidor de uma ampla visão de mundo e de temporalidades, como um engajamento crítico em relação à colonialidade.

REFERÊNCIAS

- ALEIXO, A.; FIGUEIRÓ, L. **Das muitas formas de dizer o tempo**. Belo Horizonte: Ramalhete, 2019.
- BARCA, I. Aula oficina: do Projeto à avaliação. In: Para uma educação de qualidade: **Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica**. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131-144.
- CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.
- FIGUEIRÓ, L. **Cotidianos do sagrado no Vale**. Belo Horizonte. Gaia, 2016.
- FIGUEIRÓ, L. **Louvores, louvores! Os tambores do Rosário**. Belo Horizonte: Ramalhete, 2019.
- FIGUEIRÓ, L. **Mulheres do Vale: substantivo feminino**. Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2014a.
- FIGUEIRÓ, L. **Sacralização do cotidiano**. Belo Horizonte: Ramalhete, 2020.
- FIGUEIRÓ, L. **Salve Maria! Os tambores do Rosário**. Belo Horizonte: Ramalhete, 2018.
- FIGUEIRÓ, L. **Sementes da terra maturada**. Belo Horizonte: Ramalhete, 2017.
- MENDES, A. M. **Metodologia para análise de imagens fixas**, Belo Horizonte, MG: PPGCOM UFMG, 2019.
- PRIMO, J. S. e LEITE, P.P. Olhares biográficos em museologia: os desafios da intersubjetividade. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 49 n. 5 (2015), Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas.
<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5204>
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. A

colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. **CLACSO**, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2005.

[1] Fizeram a Oficina Odiler Santos de Resende, Liliane Pinto da Silva, Carlos Henrique O. Ocioly, Romilson Guimarães de Oliveira, Paulo Henrique Reis Neves, Andréia Moreira de Souza, Flávia dos Santos Andrade, Tainah Mota do Nascimento, Cerivaldo Pereira Filho, Francielli França, Dannyllo dos Santos Nascimento, Eliane Dantes, Nazaré Castro, Rudigley Patrício Florentino, Samuel da Silva Brito, Cristiane Feitoza Dantas, Rosiane Santos Mesquita, Katy Evelin Louzada Cruz, Victor Clay Barros de Jesus, Josefa Rosania Reis de Matos, Maria José Lima dos Santos, Cristiano dos Santos,